

# A dinâmica do foco\*<sup>1</sup>

The dynamics of focus

Ronald Taveira da Cruz\* \*  
UFSC

## Abstract

This paper presents Erteschik-Shir (1997, 1999, 2004, 2005) and Lambrecht (1986, 1987, 1989, 1994) works to understand how information structure affects syntactic structure. This paper seeks to verify how top/foc analysis is distributed in linguistics phenomenon (syntax and semantics) and to understand the nature of relationship between syntax, semantics and context (pragmatics). This research is based on Heim (1982), Kamp, Hanse e Reyle (1993), Erteschik-Shir (1997, 1999, 2004, 2005) e Lambrecht (1986, 1987, 1989 e 1994), in according to dynamic syntax.

## Keywords

Dynamic Syntax, Semantics, Pragmatics, Topic and Focus.

## Resumo

Apresentar os trabalhos de Erteschik-Shir (1997, 1999, 2004, 2005) e Lambrecht (1986, 1987, 1989 e 1994) a fim de compreender como a estrutura de informação afeta a sintaxe. A base deste trabalho é verificar como a análise de foco/tópico se engendra nestes trabalhos e quais são seus impactos nos fenômenos lingüísticos (sintáticos e semânticos) e o quanto estes fenômenos dependem do contexto (da pragmática). A pesquisa toma por base os trabalhos de Heim (1982), Kamp, Hanse e Reyle (1993), Erteschik-Shir (1997, 1999, 2004, 2005) e Lambrecht (1986, 1987, 1989 e 1994), juntamente com uma sintaxe dinâmica.

## Palavras-chave

Sintaxe dinâmica, semântica, pragmática, tópico e foco.

## 1- INTRODUÇÃO

**A**o proferir uma sentença, o falante-ouvinte circunscreve um contexto, pois a interpretação dessa sentença depende de vários fatores: as estruturas sintática e semântica, as intenções do falante-ouvinte, o contexto, o espaço, o tempo... Esses fatores podem ser chamados de *contexto lingüístico*. O contexto lingüístico está muito além do contexto imediato do proferimento. Ele traz consigo outras informações que podem estar ausentes no contexto imediato, mas presentes no contexto lingüístico como um todo.

**Exemplo 1:** Imagine o seguinte contexto: João é um jovem rebelde conhecido em sua comunidade porque fugiu da escola pela janela do banheiro. Ao fugir da escola, João quebrou a perna. Então, a sentença seguinte pode ser considerada verdadeira neste contexto:

(1) João fugiu da escola.

A sentença (1) pode ser uma resposta feliz para as seguintes perguntas:

(2) O que aconteceu?

(3) O que o João fez?

(4) Quem fugiu da escola?

(5) João fugiu de onde?

No entanto, essas perguntas instauram diferentes contextos, que representam estruturas de informação distintas para a sentença (1). Em consequência, as marcações de tópico e foco são realizadas diferentemente: em resposta à pergunta (2), a sentença (1) é toda focalizada, logo não há tópico nem pressuposição; a pergunta em (3) faz com que o predicado da sentença (1) seja focalizado, logo o referente discursivo *João é* o tópico e o

predicado expressa um comentário sobre esse tópico; em 4, o constituinte focalizado na sentença (1) é João e o predicado é tópico; com (5) podemos observar que o elemento focalizado na sentença (1) é o lugar de onde João fugiu, neste caso, da escola. Assim, com uma única sentença, combinada com diferentes perguntas, os contextos podem variar. É com vista nessas mudanças contextuais, projetando diferentes marcações de tópico/foco, que a estrutura de informação relaciona sintaxe e semântica/pragmática.

O exemplo (1) nos mostra claramente como uma sentença pode “passear” por vários contextos lingüísticos. Ela pode se relacionar com o contexto imediato: imagine o momento exato em que a sentença (1) é proferida, por exemplo, poucos minutos depois de João ter fugido da escola, descrevendo a forma como ele conseguiu subir pela janela, saltar... Além desse contexto imediato, algumas informações podem estar ausentes: suponha que ele já tenha fugido de casa e do hospital antes desse contexto ou que, antes de fugir da escola, ele tenha combinado com sua namorada de irem para uma ilha deserta. A questão crucial é: como tais informações afetam a estrutura sintática? Uma das formas de mostrar isso é através da estrutura de informação que distribui a informação na sentença. No exemplo (1), a partir da pergunta (3), o referente discursivo da sentença – *João* – é tópico, enquanto a informação incompleta – *fugiu da escola* – é o comentário sobre esse tópico. Cada pergunta faz com que a marcação de tópico e foco na mesma sentença correspondam a diferentes estruturas de informação. E cada estrutura de informação pode instaurar diferentes estruturas morfossintáticas, provavelmente diferentes entre as línguas. Nas seções finais, mostraremos como as diferenças podem ocorrer entre algumas línguas.

Nesta pesquisa, concentramos-nos em trabalhos de Erteschik-Shir (1997, 1999, 2004, 2005) e Lambrecht (1986, 1987, 1989 e 1994), que desenvolvem diferentes estruturas de informação e nos mostram como as informações discursivas podem se relacionar com as derivações sintáticas. Essas derivações sintáticas (repare que estamos chamando de *derivações*) estão baseadas em uma sintaxe dinâmica (PHILLIPS, 1996; CHOMSKY, 1999; EPSTEIN, GROAT, KAWASHIMA & KITAHARA, 1998; KEMPSON, MEYER-VIOL & GABBAY, 2001; URIAGEREKA, 2002; GUIMARÃES, 2004), que não será desenvolvida neste trabalho.<sup>2</sup>

## 2 - ESTRUTURA DE INFORMAÇÃO

O estudo da estrutura de informação é uma descrição estrutural de como foco/tópico são marcados na estrutura sintática. A estrutura de Foco, baseada em Erteschik-Shir (1997, 1999, 2004, 2005), é um modelo para a estrutura de informação que fornece uma abordagem natural dos fenômenos lingüísticos. Erteschik-Shir (1999) afirma que a estrutura de foco determina o escopo de quantificador, interpretações de questões-Wh, anáfora, extração e entonação. Para ela, a principal motivação da estrutura de Foco é a possibilidade de relacionar morfossintaxe, fonologia e semântica/pragmática. Os trabalhos de Lambrecht (1986, 1987, 1989, 1994) seguem na mesma direção. Vamos nos ater primeiramente ao modelo de Erteschik-Shir.

### 2.1 - Erteschik-Shir (1997, 1999, 2004, 2005)

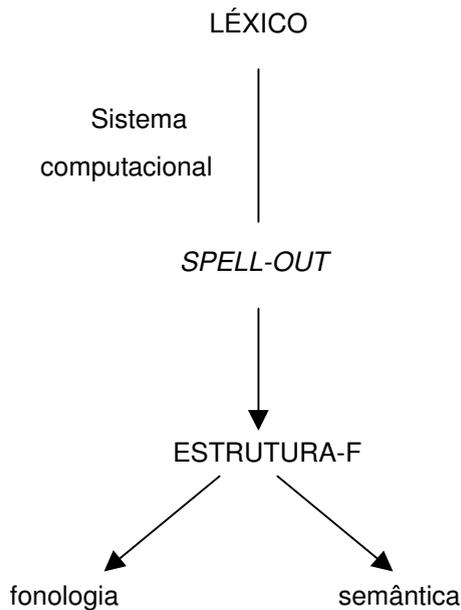
Tópico e foco são noções que há muito vêm chamando a atenção dos sintaticistas. Isso não é por acaso. Essas noções afetam, diferentemente entre as línguas, as ordens das palavras, ou seja, tópico e foco são informações discursivas que afetam a sintaxe das línguas naturais. É preciso salientar que eles são **informações discursivas**. Talvez porque foco e tópico tenham um papel crucial na sintaxe, a interface sintaxe-semântica-pragmática tem sido mais bem estudada nos últimos anos.

Dessa forma, para Erteschik-Shir (1999), foco e tópico são constituintes marcados na estrutura de foco, que é vista como uma interface entre sintaxe e semântica/pragmática. Essa abordagem é dinâmica, porque define os estágios que antecedem e seguem o proferimento de uma sentença. O estágio anterior licencia a estrutura de foco (define os arquivos (*cards*), marca qual constituinte é o tópico, foco, etc); o estágio posterior determina o valor de verdade da sentença, ao valorar o predicado com relação ao tópico ou foco. Na próxima seção, veremos como isso ocorre.

### 2.2 - O modelo de Erteschik-Shir

Como para Erteschik-Shir (1999) a estrutura de foco determina o escopo dos quantificadores, anáfora e afeta as condições de verdade da sentença, não é preciso do nível intermediário LF (Logical Form) para tais

finalidades; a este nível ficariam incumbidas outras tarefas como *strong* e *weak crossover*. Esse autor afirma que “LF processes such as Quantifier Raising (QR) are rendered superfluous”<sup>3</sup> (1999, p. 133). O problema é que a Faculdade da Linguagem, vista pelo Programa Minimalista, não teria apenas os níveis<sup>4</sup> semânticos e fonológicos; passaria a ter três, com a inclusão do nível da estrutura de foco (doravante, estrutura-f). Vamos ver como ficaria a arquitetura da linguagem:



É fácil questionar essa proposta de Erteschik-Shir, porque a faculdade da linguagem passaria a ter dois níveis, LF e estrutura-f, com basicamente as mesmas implementações. Por outro lado, o nível estrutura-f seria interessante, pois haveria uma união mais direta, não intermediada pela sintaxe, entre entonação e escopo, isto é, entre PF e LF,<sup>5</sup> o que não aparece no modelo bifurcado de Chomsky.

Há uma reflexão que merece atenção acerca da proposta de Erteschik-Shir: se Rizzi (1997) alarga o CP, em TRL,<sup>6</sup> incluindo as categorias ForcP, TopP, FocP e FinP, ainda assim, seria discutível a relevância deste outro nível estrutura-f, apesar da proposta de Rizzi dizer respeito a categorias funcionais

e não a um outro nível (lembrando que ele trabalha de forma representacional, enquanto Erteschik-Shir, derivacional).<sup>7</sup> Se há o traço, por exemplo, [+ foco] num determinado item lexical, na proposta de Erteschik-Shir esse traço é trabalhado na estrutura-f.

Contudo, há vários motivos para admitir a existência de LF: entre eles, o escopo de operadores e de quantificadores, como propôs inicialmente May (1977), de acordo com Raposo (1992, p. 137):

Uma das motivações iniciais de May (1977) para a resolução do nível de representação LF surgiu do problema de representar adequadamente as propriedades semânticas e sintáticas dos operadores lógicos e dos constituintes com força quantificacional.

Se a estrutura-f é ou não um nível necessário ou se é um nível mais importante que LF, é uma discussão que está além das intenções deste trabalho. Essa breve discussão é interessante, no presente estudo, apenas como uma direção de reflexão sobre a arquitetura da linguagem, como uma forma de questionar também o próprio modelo de Chomsky. Vamos acreditar que a estrutura-f seja um modelo interessante e tenha sucesso ao representar a estrutura de informação. Visto assim, vamos desvendar a dinamicidade do modelo.

### **2.3 - A dinâmica no modelo de Erteschik-Shir**

Antes de esmiuçar o lado prático do modelo, ainda é necessário algum embasamento teórico. A estrutura-f é dinâmica porque trabalha com uma teoria discursiva que define o estágio do fundo conversacional de antes e depois do proferimento da sentença. Eis como se define o fundo conversacional:

- O fundo conversacional consiste de um conjunto de arquivos que representam o conjunto dos referentes discursivos.
- As proposições do fundo conversacional formam “entradas” nestas pastas de arquivos que se organizam de acordo com tópicos definidos pelos referentes discursivos.
- Se um arquivo for solicitado, logo ele é proeminente para conversa, ou seja, é um arquivo existente para ambos: falante e ouvinte disparam

arquivos (*cards*) proeminentes, isto é, relevantes para a conversa. O fundo conversacional é renovado, caso necessário.

- Como o fundo conversacional varia de acordo com as circunstâncias de proferimento das sentenças e suas mudanças, a teoria tem de ser dinâmica, com restrições pragmáticas também.

Com o fundo conversacional definido, a estrutura-f necessita de quatro regras básicas para gatilhar a dinamicidade do modelo. Essas regras são baseadas na relação ouvinte-falante no momento do proferimento, da troca de informação ou, simplesmente, da conversa. São regras que estruturam pragmaticamente os arquivos (*cards*), para que as relações pragmáticas sejam atribuídas passo a passo, dinamicamente:

### **Regra de Tópico**

Essa regra instrui o ouvinte a localizar no seu conjunto de arquivos um arquivo (*card*) já existente com a informação relevante.

### **Regra de Foco**

Instrui o ouvinte a abrir um novo *card* e colocá-lo no topo dos arquivos, atribuindo-lhe um novo título (*heading*) – no caso de indefinido; ou, simplesmente, localizar um *card* já existente e colocá-lo no topo do arquivo – no caso de um definido.

### **Regra de Predicação**

Instrui o ouvinte a valorar o predicado em relação ao tópico ou foco. Por exemplo, ele pode atribuir uma proposição ao referente discursivo.

### **Regra de Atualização (*update*)**

Instrui o ouvinte a entrar com o foco e copiar todas as entradas para todos os *cards* ativados pela regra do foco.

De acordo com Erteschik-Shir (1999, p. 121), “estrutura-f é uma teoria pragmática que é concebida com condições de felicidade sobre a relação

entre sentenças e contextos”. Assim, se um constituinte é tópico, é porque ele é um arquivo já disponível antes do proferimento da sentença. Se é foco, ele entra como um arquivo novo. Ainda seguindo Erteschik-Shir (1999, p. 122), “as restrições sobre a estrutura-f são pragmáticas, isto é, contexto determina se uma estrutura-f particular pode ser atribuída a uma sentença”. Se é assim, a estrutura-f - não LF - é *input* para o componente semântico da faculdade da linguagem.

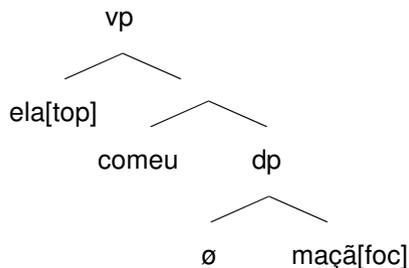
## 2.4 – Exemplo 2

Suponha que o fundo conversacional tenha as seguintes informações: Eva e Adão fizeram um piquenique, em que havia chá, torta e maçã. (6a) é apropriada sob tal fundo conversacional; (6b) é feliz:

- (6) a- Pergunta: O que a Eva comeu?  
 b- Resposta: Ela comeu maçã.
- c- seleciona ‘maçã’ – atribui [foc]  
 seleciona ‘comeu’ – não faz nenhuma atribuição  
 seleciona ‘ela’ – atribui [top]

(6c) ilustra o conjunto das atribuições apropriadas para o discurso em (6a) e (6b): ao sujeito atribui tópico e ao objeto, foco. Eis a ilustração arbórea:

d-



Na estrutura-f, o tipo de pergunta identifica que *Eva* é tópico e força a atribuição de foco a *maçã*. A estrutura em (6c) só é apropriada em contextos que instauram perguntas como (6a). Na próxima seção, vamos ver como o contexto se relaciona com a estrutura-f.

Como não está em jogo, pelo menos neste momento da derivação, se *comer* é foco ou tópico, nenhuma atribuição se aplica a ele. O que motiva e restringe a estrutura-f são restrições pragmáticas. Dessa forma, é o próprio contexto que delimita se uma determinada estrutura-f pode ser atribuída a uma sentença particular. Pensado assim, a interpretação é determinada pela estrutura-f. Erteschik-Shir (1997) ainda afirma que mesmo algumas restrições sintáticas podem ser explicadas através da estrutura-f. Para Erteschik-Shir (2005, p. 2), “os traços foc/top são selecionados do léxico” e “as projeções são então implementadas sintaticamente de acordo com princípios puramente sintáticos da projeção do traço e a entonação é derivada da estrutura-f”. Mas é o contexto que determina as atribuições apropriadas para cada item lexical. Observe a sentença seguinte, em que verbo *comer* é foco da sentença e o objeto é tópico:

(6) e- O que aconteceu com a maçã?

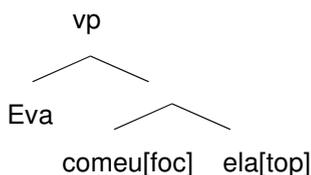
f- Eva comeu ela.

g- seleciona “ela” → atribui [top]

seleciona comer → atribui [foc]

seleciona Eva → não faz nenhuma atribuição

h-

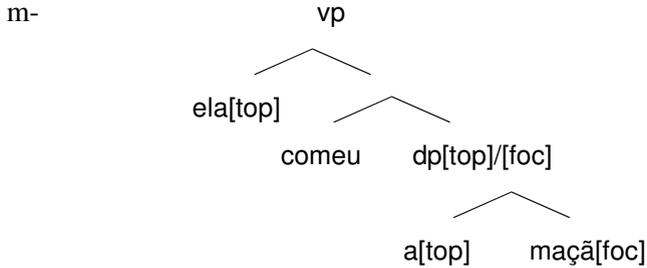


A próxima sentença nos mostra que o foco contrastivo decorre automaticamente: quando um foco está encaixado no tópico, aquele é interpretado contrastivamente. O tópico é construído contextualmente em um conjunto contraste de duas alternativas, sendo que o foco é marcado em apenas uma dessas alternativas, eliminando a outra:

(6) i- O que Eva comeu, a maçã ou a torta?

j- Ela comeu a maçã (não a torta).

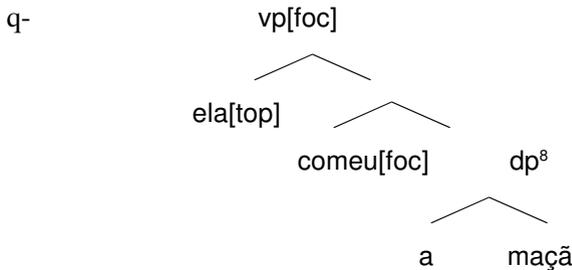
- l- seleciona “maçã” → atribui [foc]
- seleciona “a” → atribui [top]
- seleciona comer → não faz nenhuma atribuição
- seleciona “ela” → atribui [top]



Na próxima sentença, é ao vp que é atribuído foco. A estrutura-f (6p) define que a pergunta (6n) é apropriada para este contexto e não para (6i), por exemplo. No mesmo caminho, (6o) só é feliz em contexto do tipo (6n):

- (6) n- O que Eva fez?
- o- Ela comeu a maçã.

- p- seleciona “maçã” → não faz nenhuma atribuição
- seleciona comer → atribui [foc]
- seleciona “ela” → atribui [top]



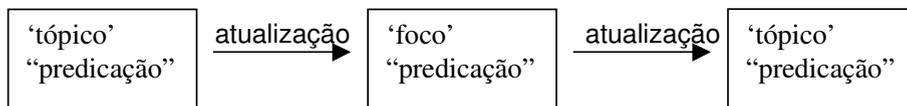
Em todo o exemplo (6), a atribuição dos traços foc/top, a partir de diferentes contextos, deriva a variedade de diversas estruturas-f. Assim, a abordagem de Erteschik-Shir não precisa estipular diferentes tipos de foco,

como em Zubizarreta (1998) e Kiss (1998). Essa diferença é decorrência da própria dinâmica do modelo de Erteschik-Shir. Na seção seguinte, atenção especial à atribuição de foc/top.

## 2.5 - Passos para atribuição de foco/ tópico

O tópico identifica um referente discursivo previamente introduzido no fundo conversacional. O foco é o momento em que uma informação nova é injetada, um item lexical ou sentença é focalizado e um outro conjunto de arquivos é solicitado. Dessa forma, o foco é necessariamente novo no discurso imediato, isto é, ele não pode já estar presente nesse discurso.

A derivação da estrutura-f é modelada em arquivos (*cards*), que mostram os lugares que cada item lexical deve ocupar, para indicar se ele é tópico ou foco. Um arquivo é solicitado, a partir do tópico; se a um item lexical for atribuído foco, ele fica no topo do arquivo. Após a aplicação da regra do foco, o mesmo item lexical ficará disponível para arquivos futuros, mas, agora, como tópico e assim sucessivamente (cada retângulo a seguir representa um arquivo (*card*)):



Agora, vamos à atribuição de foc/top, passo a passo, tendo em vista os contextos do exemplo (6):

(7) [Top Eva [comeu [Foc maçã]]]

- a- Pegue um *card* para Eva e o coloque no topo do arquivo. (regra de tópico)
- b- Entre com “Ela comeu maçã” no *card* de ‘Eva’. (regra de atualização)
- c- Abra um novo *card*, nomeie como ‘maçã’ e o coloque no topo do arquivo. (regra de foco)
- d- Entre com “Eva comeu e” neste *card*. (regra de atualização)

Os seguintes *cards* estão agora no topo do arquivo, disponíveis como tópicos futuros:



### Tópicos:

- são selecionados do conjunto de referentes previamente introduzidos no discurso.
- são necessariamente específicos (identificam um elemento no fundo conversacional).
- são elementos que podem mudar, são dinâmicos:

(8) a- O que a Eva fez?

[*Top* Ela [*Foc* comeu [ maçã]]]

b- seleciona 'maçã' – não faz nenhuma atribuição

c- seleciona 'comeu' – atribui foc

d- seleciona 'ela' – atribui top

'comeu'  
Eva comeu maçã

(9) a- O que aconteceu com a maçã?

[Eva [*Foc* comeu [*Top* ela]]]

b- seleciona 'ela' – atribui top

seleciona 'comeu' – atribui foc

seleciona 'Eva' – não faz nenhuma atribuição

'comeu'  
Eva comeu ela

No modelo de Erteschik-Shir, estrutura-f é um nível da faculdade da linguagem que interage com a sintaxe, a fonologia e a semântica/pragmática e faz interface com o módulo conceitual-intencional. Ela organiza as sentenças em foco e tópico. Não foi mostrado aqui, mas ainda é possível explicar a ordem das palavras, entonação e o escopo de quantificadores no modelo de Erteschik-Shir. Seu modelo é bastante poderoso, pois explica alguns fenômenos lingüísticos sem precisar postular novas categorias funcionais e as projeções sintáticas delas. Um outro ponto interessante neste

modelo é a possibilidade de investigar se diferentes posições de foco podem estar ligadas a diferentes propriedades prosódicas da língua em estudo. No mais, Erteschik-Shir (1999, p. 145) finaliza: “Substituindo LF por estrutura-f, é uma consequência natural de sua função como interface com a estrutura conceitual-intencional, uma vez que a focalização é um reflexo inato, essencialmente envolvido na percepção como um todo, e a identificação do tópico é uma parte essencial e inata da própria estrutura conceitual-intencional”.

## 2.6 - O modelo de Lambrecht (1986, 1987, 1989, 1994)

O conceito de estrutura de informação de Lambrecht (1994) envolve os estágios pragmáticos nas mentes dos participantes da conversa e as relações pragmáticas. Estas, por sua vez, representam relações entre os referentes discursivos e as proposições. São essas relações pragmáticas que tornam as informações possíveis de serem veiculadas. São essas relações, portanto, que são formalizadas na estrutura de informação ou estrutura de foco. Por exemplo, se um falante diz *Foi Pedro que fugiu ontem*, o referente do nome Pedro tem de ser conhecido pelo ouvinte; tem de ser identificável na mente do ouvinte, isto é, disponível no fundo conversacional. A proposição *alguém fugiu ontem* também deve ser conhecida pelo ouvinte e, conseqüentemente, a nova informação instaurada por esse proferimento é que Pedro é a pessoa que fugiu ontem. As relações pragmáticas ocorrem entre a informação incompleta (ou sentença variável) *alguém fugiu ontem* (que é chamada de pressuposição) e o referente Pedro (que pode ser o foco da sentença, como neste caso). Essas relações pragmáticas podem ser manifestadas de diversas maneiras na estrutura de informação, a depender da sentença, da pergunta, do contexto, dos referentes, das proposições, etc. Vamos ver o funcionamento do modelo de Lambrecht.

## 2.7- Exemplos (3) e (4)

Como este modelo é pragmático, ele visa garantir a associação das informações com um leque de asserções que constituem as relações entre os participantes. Em situações discursivas, o falante, ao fazer um proferimento, faz uma asserção pragmática que é parte da informação discursiva, isto é,

uma proposição advinda do proferimento da sentença. É pragmática porque ela é estruturada pragmaticamente, relacionando informações “velhas” (como tópico e pressuposição) e informações “novas” (como foco e comentários sobre o tópico). Portanto, é a relação entre informações novas e informações velhas que fazem a asserção pragmática.

As informações velhas envolvem um conjunto de asserções que são chamadas à tona, para instaurarem um contexto necessário para a compreensão do proferimento. Elas podem ser chamadas de **pressuposição pragmática**. A informação que não faz parte dessa pressuposição pragmática pode ser chamada de foco: é a parte ainda não disponível no contexto.

Observe os seguintes exemplos:

**Exemplo 3:** Pedro e Márcio falam sobre João. Imagine, então, que João e Pedro são empregados de Márcio, dono de uma loja de carros. João diariamente tira todos os carros da garagem e lá recoloca-os, enquanto Pedro tenta vendê-los. Em um dia específico X, Pedro diz a Márcio que *João não guardou todos os carros na garagem*. Nesta sentença, há informações do contexto imediato (por exemplo, quantos carros são, o tamanho da garagem, que João é o guardador de carros e é um referente identificável por Pedro e Márcio, que o operador *não* tem escopo sob o quantificador *todos...*), mas há informações que não estão neste contexto imediato e fazem parte do contexto lingüístico (por exemplo, suponha que João tenha pedido aumento na semana passada a Márcio e que, caso não recebesse o aumento até este dia específico X, ele não colocaria todos os carros na garagem... Ao supor isso, é possível implicar que João não recebeu o aumento, entre outras coisas, uma implicação que não veio do contexto imediato do proferimento, mas de um contexto mais amplo, o próprio contexto lingüístico). Assim, o contexto lingüístico traz informações que podem estar além do próprio contexto imediato da comunicação e estão associadas a um conjunto de assunções contextuais presentes na mente do falante-ouvinte.

**Exemplo 4:**<sup>9</sup> Suponha que Maria responda à pergunta *quem quer namorar com um lingüista formal?* usando a seguinte sentença: Teresa quer namorar um lingüista formal. Com esse proferimento, é possível salientar duas interpretações semânticas (1)-(2) ainda se o proferimento é feito fora de contexto e, no mínimo, quatro interpretações pragmáticas (3)-(6) podem ser tomadas somente depois que escolhermos entre (1) ou (2):

- 1- Teresa quer namorar um determinado indivíduo X, que é lingüista formal.
- 2- Teresa quer namorar alguém, desde que seja um lingüista formal.
- 3- Teresa quer namorar um determinado indivíduo, lingüista formal: ela sabe quem é, mas não Maria, porque Teresa não lhe revelou o seu nome.
- 4- Teresa quer namorar um determinado indivíduo X, lingüista formal: também disse a Maria como se chama e apresentou-o a ela, mas Maria, por precaução, não julga oportuno entrar em particulares.
- 5- Teresa está interessada por X e deseja namorá-lo. Ela disse a Maria quem é a pessoa; ocorre que Maria sabe que é um lingüista formal. Neste ponto, não é relevante decidir se Teresa sabe disso, se ignora ou se Maria já lhe tenha dito. O fato é que Maria julga que, como Teresa está defendendo uma tese sobre Labov, os dois não poderão nunca se entender e aquele namoro não vai acontecer. Exprime aos interlocutores (que conhecem muito bem as idéias de Teresa) a sua perplexidade.
- 6- Teresa quer namorar X, que é lingüista formal; Teresa terminou com um namorado que estuda Labov, assim como ela estuda Labov. Mas, neste ponto, Teresa quer fazer ciúmes no ex-namorado, namorando um lingüista formal. Todos sabem que o ex-namorado de Teresa odeia lingüista formal e isto seria muito penoso para ele.

No exemplo (3), apenas com o contexto imediato, as informações ficam restritas, porque não sabemos os estágios anteriores ao proferimento da sentença. Entretanto, os interlocutores participantes da conversa conhecem esses estágios anteriores e podem dessa forma fazer implicaturas, inferências... É a partir do contexto discursivo, então, que a estrutura de foco procura marcar os constituintes. Já o exemplo (4), além de trazer duas interpretações semânticas, pode ainda carregar outras interpretações pragmáticas. Podemos observar também que, nesses exemplos, os referentes discursivos mudam: no exemplo (3), o referente discursivo da sentença – *João* – é o tópico da sentença, enquanto a informação incompleta – *não guardou todos os carros na garagem* – é o comentário sobre este tópico. No exemplo (4), é *Teresa* o referente discursivo.

As definições dos termos já salientados, segundo Lambrecht (1994), são:

### **Asserção pragmática**

É a proposição expressa por uma sentença que se espera que o ouvinte conheça, acredite ou tome como certa. No exemplo (4), a proposição de que *Teresa quer casar com um lingüista formal* é tomada como certa por Pedro. Com isso, ele e outros interlocutores podem fazer os processamentos semânticos e pragmáticos.

### **Pressuposição pragmática**

É o conjunto de proposições invocadas na sentença que o falante assume que o ouvinte conhece, acredite ou tome como certas no momento da fala. Por exemplo, o fato de Márcio saber que João é o referente discursivo e que, nos estágios anteriores do proferimento, João pediu um aumento.

### **Foco da asserção ou foco**

Componente semântico de uma proposição estruturada pragmaticamente pelo qual a asserção difere da pressuposição. A pressuposição expressa pela sentença aberta *quer namorar um lingüista formal* juntamente com o constituinte focalizado – *Teresa* – forma a asserção *Teresa quer namorar um lingüista formal* que difere da pressuposição.

### **Expressão de tópico**

Um constituinte é uma expressão topicalizada se a proposição expressa pela sentença com a qual ele está relacionado é pragmaticamente construída como uma informação já instalada sobre o referente discursivo. Por exemplo, o comentário *não guardou todos os carros na garagem* sobre o referente discursivo João (que é tópico).

### **Estrutura de Foco**

Associação convencional de um foco (distribuição significativa da informação) com a forma sentencial. Nos exemplos (3) e (4), a estrutura de foco representa como cada constituinte é marcado e como ele se relaciona com o resto da sentença: no exemplo (3), *João* é tópico e há um comentário sobre

este tópico; já no exemplo (4), o elemento focalizado *Teresa* está associado com a pressuposição expressa pelo resto da sentença.

Resumidamente, o falante, ao proferir, faz uma asserção ou asserção pragmática. Ela é parte da informação disposta no proferimento de uma sentença e está associada com o fundo conversacional (base comum ou pressuposição pragmática). Ela é uma asserção pragmática porque é um proferimento construído pragmaticamente que, na maioria das vezes, é envolvido pelo tópico (expressão de tópico) e pelas pressuposições associadas de um lado, e pelo foco (foco da asserção) de outro, que eventualmente pode ser um comentário sobre o próprio tópico. Todas as línguas envolvem este jogo top/foc através de algum tipo de marcação: entonação, marcação morfológica, ordem das palavras... É este jogo pragmático de uma estrutura de informação que é conhecido como Estrutura de Foco. Vamos ver como a estrutura de foco afeta a estrutura sintática diferentemente entre as línguas.

## 2.8- Exemplos 5, 6 e 7

- (5) Sentença: Minha bicicleta SUMIU.  
 Pressuposição: ‘a bicicleta do falante está disponível para o comentário x’  
 Asserção: ‘x = sumiu’  
 Foco: ‘Sumiu’

Nesse exemplo (5), os meios lingüísticos para diferenciar o tópico do resto do proferimento, da asserção e do foco são claros. Vamos ver como essas marcações são representadas diferentemente na sintaxe das línguas:<sup>10</sup>

- (6) Q: What happened to you car?  
 A: a- My car/It broke DOWN. (English)  
 b- (La mia macchina) si è ROTTA. (Italian)  
 c- (Ma voiture) elle est en PANNE. (French)  
 d- (Karuma wa) KOSYOO-si-to. (Japanese)

Nas respostas à questão do exemplo (6), a pressuposição é que o carro do falante é tópico sobre o qual um comentário é feito. Dessa forma, a asserção é determinada pela relação entre o tópico e o predicado, que é o foco

“broke DOWN”. Observa-se também que, em japonês, o constituinte focalizado difere a posição sintática das demais línguas.

(7) Q: What happened?

A: a- My CAR broke down. (English)

b- Mi si è rotta la MACCHINA. (Italian)

c- J'ai ma VOITURE qui est en PANNE. (French)

d- KARUMA ga KOSYOO-si-to. (Japanese)

No exemplo (7), toda sentença é focalizada; dessa forma, não há tópico. Nenhuma pressuposição pragmática é evocada. Assim, asserção e foco coincidem. Aqui, são mais claras as diferenças sintáticas entre as línguas, tendo em vista o mesmo contexto discursivo da pergunta. Vamos ver como é estabelecida a estrutura de foco de Lambrecht, informalmente:

Sentença: My car broke down. (Lit. Meu carro quebrou)

Pressuposição: Não tem.

Asserção: O carro do falante quebrou.

Foco: O carro do falante quebrou.

Domínio do foco: A sentença.

O que essa estrutura de foco nos mostra é que não há pressuposição, a asserção coincide com o foco e o domínio do foco, isto é, o constituinte sintático marcado pelo foco é toda a sentença. Portanto, com a estrutura de foco, é possível marcar os constituintes foc/top, estabelecendo uma relação com as estruturas sintáticas. A sintaxe e a semântica/pragmática estão mais próximas uma da outra, transformando os fenômenos lingüísticos (inclusive a sintaxe) em fenômenos dinâmicos.

### 3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutimos os modelos de Erteschik-Shir (1997, 1999, 2004, 2005) e Lambrecht (1986, 1987, 1989 e 1994). Esses modelos usam estruturas de foco para a compreensão de como a estrutura de informação (isto é, o contexto, a pragmática) afeta a sintaxe. Verificamos como a análise de foco/tópico se engendra nestes trabalhos e quais são seus impactos nos fenômenos lingüísticos (sintáticos e semânticos), relacionando-os com a

pragmática. Os exemplos discutidos motivam a estrutura do foco e mostram que os constituintes foc/top variam de acordo com o contexto e com as situações pragmáticas em que estão inseridos. Se, em uma determinada situação, um constituinte de uma sentença pode ser o tópico, em outra, o mesmo constituinte da mesma sentença pode vir a ser foco. Isso varia conforme mudam as situações discursivas. A pragmática e a sintaxe podem estar relacionadas, a partir da Estrutura de Foco; dessa forma, é possível explicar como os constituintes foc/top se relacionam diferentemente em cada situação discursiva e podem variar entre as línguas. Observe o exemplo (8),<sup>11</sup> comparando-o com os exemplos (6) e (7):

- (8) Q: I heard your motorcycle broke down. (Lit. Eu ouvi que sua moto quebrou.)  
 A: a- My CAR broke down. (English) (Lit. Meu carro quebrou)  
 b- Si è rotta la mia MACCHINA./È la mia MACCHINA che si è rotta. (Italian) (Lit. Quebrou meu carro/foi meu carro que quebrou.)  
 c- C'est ma VOITURE qui est en panne. (French) (Lit. Foi meu carro que quebrou.)  
 d- KARUMA ga kosyoo-si-to. (Japanese) (Lit. Carro quebrou.)

Esse exemplo nos mostra como o foco contrastivo é marcado diferentemente na sintaxe das línguas. Podemos observar que, dependendo da pergunta (compare as perguntas dos exemplos (6), (7) e (8)), a posição sintática do constituinte é estabelecida distintamente entre as línguas (compare as respostas dos exemplos (6), (7) e (8)). Dessa forma, a partir do exemplo (8), temos uma nova estrutura de foco, com a “mesma” sentença do inglês:

Sentença: My CAR broke down. (Lit. Meu carro quebrou.)

Pressuposição: x do falante quebrou.

Asserção: x = carro.

Foco: carro.

Domínio do foco: NP/DP

Assim, a proposição “alguma coisa do falante quebrou” é parte da pressuposição pragmática; a asserção é que “o carro do falante que quebrou”;

o foco é “carro”; e o domínio de foco é todo NP/DP. Além dessas questões sintáticas, a estrutura de foco também explica a prosódia, escopo de quantificadores, as negações (os itens de polaridade negativa), as co-referências. Assim, Lambrecht (1994) conclui que a Estrutura de Foco é uma combinação de uma estrutura da informação particular (ou estrutura da asserção) com estruturas morfossintáticas e de entonação.

## NOTAS

\* Trabalho apresentado, em formato de painel, no Encontro do GT de Teoria da Gramática da ANPOLL, em 2005.

<sup>1</sup> Agradeço à leitura de Roberta Pires de Oliveira, que não é culpada pelos erros remanescentes.

\*\* UFSC/ CNPq, e-mail ronaldtaveira@gmail.com

<sup>2</sup> É claro que uma sintaxe dinâmica não é uma necessidade. Os modelos de Erteschik-Shir e Lambrecht não exigem tal sintaxe. Eles podem ser trabalhados com qualquer modelo de sintaxe (formal). Mas, como esses modelos são dinâmicos (sendo a dinamicidade uma característica própria da linguagem humana, porque o nosso “falar” é dinâmico), talvez com a união de uma sintaxe dinâmica e semântica-pragmática dinâmicas consigamos mostrar mais apropriadamente a arquitetura da linguagem humana.

<sup>3</sup> “Processos em LF tais como Alçamento de Quantificadores tornam-se supérfluos”.

<sup>4</sup> Se é que são níveis. Chomsky, nos últimos anos, prefere chamá-los apenas de interfaces.

<sup>5</sup> Há tal relação, contudo, mediada pela sintaxe. O que tal estrutura permitiria seria uma união mais direta, com troca de informações entre PF e LF.

<sup>6</sup> Teoria de Regência e Ligação.

<sup>7</sup> Grato pela observação de uma pessoa anônima.

<sup>8</sup> Esta sentença mostra um problema, ainda não resolvido na lingüística, que é sobre os Nomes Nus, isto é, aquele nominal que não está acompanhado por nenhum determinante, seja um quantificador, seja um artigo, ou um numeral... Por exemplo, não é claro se há diferenças entre Eva comeu maçã e Eva comeu **a** maçã. De acordo com o modelo de Erteschik-Shir, o artigo definido recupera um *card* já existente e o indefinido lança um *card* novo. Mas, o que acontece

com os Nomes Nus? Recuperam um *card* já existente ou lançam um novo? São questões que ainda não têm respostas. Sobre os Nomes Nus, ver Carlson (1977a e 1977b), Chierchia (1998a e 1998b), Müller (2000, 2002a, 2002b, 2004), Munn e Schimitt (1999a e 1999b), pelo menos.

<sup>9</sup> Adaptação de Eco (1998).

<sup>10</sup> Esses exemplos (6) e (7) são de Lambrecht (1994, p. 223).

<sup>11</sup> Exemplo de Lambrecht (1994, p. 224).

## BIBLIOGRAFIA

CARLSON, G. (1977a). *Reference to kinds in English*. (Doctor in Philosophy). University of Massachusetts.

\_\_\_\_\_. (1977b). A unified analysis of the English bare plural. In: *Linguistics and Philosophy* 1: 413-457.

CHIERCHIA (1998a). Plurality of mass nouns and the notion of semantic parameter. In: *Events and Grammar*. S. Rothstein (ed). Great Britain: Kluwer academic Publishers. p. 53-103.

\_\_\_\_\_. (1998b). Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics* 6: 339-405.

CHOMSKY, N. (1999). *Derivation by Phases*. Cambridge, MA: MIT Press.

ECO, Umberto (1998). *Kant e o ornitorrinco*. Trad. Ana Thereza B. Vieira. Rio de Janeiro: Record.

EPSTEIN, Samuel, Eric GROAT, Ruriko KAWASHIMA & Hisatsugu KITAHARA (1998). *A Derivational Approach to Syntactic Relations*. Oxford: Oxford University Press.

ERTESCHIK-SHIR, Nomi. (1997). *The dynamics of focus structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. (1999) Focus structure and scope. In: REBUSCHI, G. and TULLER, L. (eds). *The Grammar of Focus*. Series: Linguistik Aktuell: Bd. 24, Amsterdam/Philadelphia.

ERTESCHIK-SHIR, Nomi. (2004) *The syntax, phonology and interpretation of the information structure primitives Topic and Focus*. Dept. of Foreign Literatures and Linguistics, Beer Sheva 84105, Israel. (mimeo.)

\_\_\_\_\_. (2005). *On the architecture of topic and focus*. (a aparecer)

GUIMARÃES, Maximiliano (2004). *Derivation and Representation of Syntactic Amalgams*. University of Maryland. PhD dissertation.

HEIM, I. (1982). *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*. UMass Dissertation.

KAMP, HANSE e REYLE (1993). *From discourse to logic*. Hingham, MA: Kluwer.

KISS, K. (1998) Focus Identificational versus Information Focus. *Language*, V. 74, n. 2.

KEMPSON, Ruth, Wilfried MEYER-VIOL & Dov GABBAY (2001). *Dynamic Syntax: the flow of language understanding*. Oxford: Blackwell.

LAMBRECHT, Knud. (1994). *Information structure and sentence form. A theory of topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press.

MÜLLER (2000). *Sentenças genericamente quantificadas e expressões de referência a espécie no português brasileiro*. Mimeo.

\_\_\_\_\_. (2002a) The semantics of generic quantification in Brazilian Portuguese. *Probus* 14. 279-298.

\_\_\_\_\_. (2002b). Nomes nus e parâmetro nominal no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, n. 58, p. 325-337. jul./dez.

\_\_\_\_\_. (2003). A semântica do sintagma nominal. In. *Semântica Formal*. Org. Muller, A. L., Negrão, E. e Foltran, M.J. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. (2004) Tópico, Foco e nominais nus no Português brasileiro. In. *Sentido e Significação*: São Paulo, Contexto.

MUNN e SCHIMITT. (1999a). Bare nouns and the morpho-syntax of number. Paper presented at LSRL 29, University of Michigan, April 1999.

\_\_\_\_\_. (1999b). Against the Nominal Mapping Parameter: Bare Nouns in BP. NELS 29.

PHILLIPS, Colin (1996). *Order and Structure*. MIT. PhD dissertation.

REINHART, T. (1981). Pragmatics and linguistics: an analysis of sentence topics. *Philosophica* 27:53-94.

RIZZI, L. (1997). The fine structure of the left periphery, In: *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer.

URIAGEREKA, Juan (2002). *Derivations: exploring the Dynamics of Syntax*. New Yourk: Routledge.

ZUBIZARRETA, M. L. (1998). Prosody, Focus and Word Order. *Linguistic Inquiry Monograph*, vol. 33. Cambridge, MA: MIT Press.